



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**  
**CAMPUS SÃO BERNARDO**  
**LICENCIATURA PLENA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

**LENILSON LIMA DOS SANTOS**

**CINISMO:**  
**A FILOSOFIA COMO MODO DE EXISTÊNCIA**

**SÃO BERNARDO**  
**2019**

LENILSON LIMA DOS SANTOS

**CINISMO:**  
A FILOSOFIA COMO MODO DE EXISTÊNCIA

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador: Dr. Wandelson Silva de Miranda.

SÃO BERNARDO  
2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

SANTOS, LENILSON LIMA DOS.

CINISMO : A filosofia como modo de existência /  
LENILSON LIMA DOS SANTOS. - 2019.  
45 f.

Orientador(a): WANDEILSON SILVA DE MIRANDA.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -  
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, SÃO  
BERNARDO, 2019.

1. CINISMO. 2. DIÓGENES. 3. HELENISMO. 4. MODO DE  
VIDA. I. MIRANDA, WANDEILSON SILVA DE. II. Título.

**LENILSON LIMA DOS SANTOS**

**CINISMO:**

**A FILOSOFIA COMO MODO DE EXISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Ciências Humanas/Sociologia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**PROF. DR. WANDEILSON SILVA DE MIRANDA (ORIENTADOR)**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

---

**PROF. DR. GUSTAVO FREITAS PEREIRA**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**

---

**PROF. DR. TEDSON MAYCKELL BRAGA TEIXEIRA**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO**

A Deus.

Aos meus pais, Maria Lúcia e José do Carmo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus;

Aos meus pais que trabalharam dia e noite de todas as formas que foram necessárias cada um a sua maneira, mas juntos oferecendo tudo que um filho precisa para que eu chegasse nesse momento importante para mim, e por isso para eles;

Aos meus irmãos que mesmo longe faziam se presentes sempre que possível, para conversar, dividir um abraço, rirmos juntos ou dividir uma dor;

A toda a minha família, tanto a de sangue quanto a de consideração, por acreditarem, apoiarem, e sempre estarem disponíveis, seja nos momentos de vitória e alegria ou de perda e de dor;

Ao meu amigo e companheiro de lutas Wellington Mateus, que se mostrou um líder que sabe desenvolver o melhor de cada um, para que todos contribuam e que todos vençam juntos, que deu varias lições e mostrou que compartilhar conhecimentos pode ser mais importante do que apenas armazená-los;

Ao professor Wandelson Miranda pela excelente orientação, por estar sempre disponível, escutando as angustias, oferecendo seus conselhos, e estar sempre contribuído de alguma forma para que ao invés de baixar a cabeça e voltar, eu erguesse e seguisse;

A minha amiga Emanuele Monteiro, pela atenção, pela companhia e por todos os momentos que dedicou a me escutar, aconselhar, incentivar e por ter paciência de ler os pequenos trechos que eu escrevia e que foram aumentando aos poucos;

As amigas Mirlane Fernandes, Vanessa Gabriela e Conceição Pinheiro pela companhia que se mostrou enriquecedora na Universidade e que seguirá firme fora dela;

Ao amigo Luciano Brandão que na reta final, esclareceu dúvidas, ofereceu dicas e pela atenção que teve sempre;

Aos colegas da turma, por todos os momentos juntos.

A todos os professores que fizeram parte e contribuíram em minha formação;

A banca;

E a todos que não foram citados, mas contribuíram de alguma forma em minha formação, seja de maneira direta ou indireta.

“[...] Perguntaram-lhe o que ganhava com a filosofia, e a resposta foi: no mínimo, estar preparado para enfrentar todas as vicissitudes.”

(Diôgenes, o Cínico)

## RESUMO

Este trabalho tem como tema central a filosofia cínica, modelo filosófico que atingiu sua forma mais radical com Diógenes de Sinope, pois foi ele que teve a coragem e melhor soube incorporar a sabedoria da filosofia cínica, agindo em defesa dos princípios fundamentais da sua escola, tornando-se, desta forma, o modelo paradigmático a ser seguido e o principal objeto de estudo dessa filosofia. Esta pesquisa foi elaborada tendo em vista a compreensão do cinismo como uma prática filosófica e se deu por meio de pesquisas bibliográficas que revelaram os rastros deixados no caminho percorrido pelo cinismo até Diógenes. Com isso, foi constatado que o estilo filosófico cínico está de acordo com um modelo de prática filosófica que está presente já na filosofia socrática e se encontra lado a lado com a prática filosófica das escolas helenísticas, isso se explica por elas possuírem um ponto em comum, elas são uma atitude de transformação interior, ou seja, todas essas filosofias fazem parte do universo da filosofia antiga, que tem como ponto de partida a escolha de um modo de vida.

**Palavras-chave:** Helenismo. Cinismo. Diógenes. Modo de Vida.

## **ABSTRACT**

This work has as its central theme the cynical philosophy, a philosophical model that reached its most radical form with Diogenes de Sinope, because it was he who had the courage and best knew to incorporate the wisdom of cynical philosophy, acting in defense of the fundamental principles of his school, becoming, in this way, the paradigmatic model to be followed and the main object of study of this philosophy. This research was developed with a view to understanding cynicism as a philosophical practice and was done through bibliographical research that revealed the traces left on the path traveled by cynicism to Diogenes. Thus, it has been observed that the cynical philosophical style is in accordance with a model of philosophical practice that is already present in Socratic philosophy and is side by side with the philosophical practice of the Hellenistic schools, this is explained by their having a common point, they are an attitude of inner transformation, that is, all these philosophies are part of the universe of ancient philosophy, which has as its starting point the choice of a lifestyle.

**Keywords:** Hellenism. Cynicism. Diogenes. Lifestyle.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1: SÓCRATES</b> .....	15
1.1 Filosofia naturalista .....	15
1.2 Sócrates .....	16
<b>CAPÍTULO 2: A FILOSOFIA HELENÍSTICA</b> .....	22
2.1 Os cínicos e as escolas filosóficas helenísticas .....	23
2.2 A escola epicurista .....	24
2.2.1 Lição sobre a morte .....	24
2.2.2 O prazer .....	25
2.2.3 Lição dos desejos .....	25
2.3 A escola estoica .....	27
2.4 Pirronismo .....	29
<b>CAPÍTULO 3 - A FILOSOFIA ANTIGA</b> .....	31
3.1 Vida e filosofia .....	32
3.2 Ficha biográfica .....	32
3.3 Diógenes, o mais autêntico praticante .....	33
3.4 Fontes de informação .....	34
3.5 Diógenes, o cão .....	35
3.6 O homem como filósofo e filosofia .....	36
3.7 A filosofia cínica como uma resposta para a vida .....	36
3.8 A filosofia cínica como uma prática .....	37
3.9 A filosofia cínica como instinto de ameaça .....	38
3.10 Aprendendo a viver com o cinismo .....	38
3.11 A vida de acordo com a natureza .....	39
3.12 Cinismo: uma filosofia da existência .....	39
3.13 Filosofia da adaptação .....	39
3.14 A fala como expressão de liberdade .....	40
3.15 A Simplicidade cínica .....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	42
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	45

## INTRODUÇÃO

Todos nós possuímos um modo de vida, assim como todos nós queremos ser felizes, mas será se a nossa maneira de viver permite que sejamos verdadeiramente o que queremos? Talvez a resposta para esta questão esteja na análise de nossas próprias vidas à luz do estudo da vida dos filósofos antigos, que aqui apresentaremos, e que podem nos ensinar maneiras de viver, que são diferentes, mas que possuem o mesmo objetivo: a tranquilidade da alma.

Desta forma, buscaremos mostrar nas páginas a seguir as características centrais das filosofias antigas, no que tange o bem-viver, levando em consideração que as opções filosóficas eram opções existenciais e que escolher uma filosofia era bem mais que escolher um objeto de um estudo, era a escolha de uma prática de vida tendo em vista um modelo filosófico.

Desta forma, no primeiro capítulo buscaremos reconhecer em Sócrates uma preocupação com a existência humana; também visaremos compreender seu modo de vida baseado na missão de despertar os homens da ignorância que seria um descuido com sua própria existência em detrimento de uma ocupação com coisas menos importantes, mas que eram tidas como valiosas, explicar a situação do filósofo como aquele que reconhece sua própria ignorância, e que após isso segue em busca da sabedoria; assim como entender a definição da filosofia como amor pela sabedoria no *Banquete* de Platão. E relacionar por analogia a situação dos prisioneiros da *Alegoria da Caverna* de Platão com os interlocutores de Sócrates. E ainda compreender a filosofia de Sócrates como uma mensagem que continua válida a todos aqueles que priorizam o cuidado de si.

Neste mesmo sentido, no segundo capítulo poderemos questionar: onde encontrar a felicidade verdadeira, nas coisas ou em nós mesmos? De acordo com as filosofias estudadas, em nosso interior, através de um trabalho interno de transformação do nosso caráter e com isso de uma mudança de comportamento que evita os erros mais comuns e favorece os acertos mais incomuns, ou seja, evita atribuir somente a bens materiais todas as chances de ser feliz, e favorece a perspectiva de que a felicidade é a recompensa de um comportamento com sabedoria e isso não depende de bens materiais, mas de uma vontade subjetiva de mudança e melhoria de nosso caráter.

Pensar na morte é algo positivo ou negativo? Pensar, as vezes é lembrar e não pensar as vezes é esquecer, esquecendo da morte corremos o risco de não lembrarmos daqueles que estão morrendo assim como nós mesmos. Desta forma para Epicuro, o fundador da escola

epicurista a morte funciona como um alerta e contribui para valorizar nossa existência e a dos outros.

Além disso, Epicuro falará também da existência de falsos e verdadeiros prazeres, a maneira que eles são definidos e suas características. Ressaltando a importância dessa diferenciação para a satisfação verdadeira em detrimento de uma verdadeira insatisfação. Devemos satisfazer todos os nossos desejos? Obviamente que não. Mas qual seria a melhor forma de satisfazer nossos desejos segundo a filosofia epicurista? De acordo com uma classificação dos desejos, levando em consideração somente os desejos naturais e necessários evitando os não naturais e desnecessários, mesmo o mais simples dos prazeres é capaz de trazer a satisfação básica e necessária para a saúde do corpo, os outros embora sejam sofisticados podem vir acompanhado de dor e sofrimento.

O homem é um ser grande comparado ao tamanho de uma formiga, ele pode pisá-las se quiser, pode brincar com elas. Em suma, ele tem mais força e pode provocar as mais variadas situações na vida dessas pequenas. Mas se comparado ao mundo o homem se torna tão pequeno ou menor que uma formiga comparada ao homem. Qual a contribuição que esse reconhecimento de inferioridade diante do mundo pode trazer para nossas vidas segundo a filosofia estoica?

As vezes nos culpamos por estarmos em uma situação de perigo, em um momento de dor, diante da morte ou de uma situação de perda. Esses momentos provocam medo, sofrimento, tristeza e lamentação. Todos eles são sentimentos ruins que provocam efeitos negativos em nossas vidas. Mas se na verdade, não formos os culpados por esses acontecimentos? No mínimo estaríamos culpando alguém inocente, por coisas que são obra do destino. Desta forma, qual a participação do destino em nossas vidas? Onde podemos participar de maneira independente e em parceria com ele? São respostas a essas perguntas que serão oferecidas pelo estudo da filosofia estoica.

De acordo com a filosofia pirrônica a tranquilidade da alma pode ser atingida por meio de uma atitude única, mas que serve para diversas situações em nossas vidas. Que atitude seria essa? Em que se fundamenta essa atitude?

Por conseguinte, no terceiro capítulo, e levando em consideração a prática filosófica, qual seria o aspecto mais importante: a maneira de filosofar ou a contribuição que ela traz para nossas vidas? A filosofia cínica através de Diógenes de Sinope se apresenta como uma prática informal, mas que nem por isso deixa de fornecer lições para nossa existência, ao contrário de outras filosofias que se apresentam formalmente, embora as vezes se mostrem tão vazias de respostas quanto suas interrogações estão distantes de nós.

Assim como algumas coisas possuem partes que são essenciais e (sem elas perdem sua função, por isso essas são mais importantes) outras que mesmo sem elas ainda é possível que as primeiras desenvolvam sua função. A filosofia antiga possui sua parte essencial que é o modo de vida e outra que é o discurso filosófico. De acordo com isso, o cinismo possui apenas o essencial, um modo de vida filosófico, e mesmo se negando a elaborar um discurso nos moldes teórico, abstrato e sistemático, ainda pode ser considerada uma filosofia, pois desempenha sua função através do essencial, sua maneira de viver.

Será abordada a relação entre a vida e a filosofia, pois assim como as palavras precisam de uma superfície como a da folha de um livro para serem impressas, a filosofia precisa de um corpo para se instaurar, o filósofo não está imune aos efeitos de sua filosofia, ao contrário, ele antes é o primeiro a experimentá-la e provar que é possível confiar que nela não possui nenhum veneno, ao contrário, ele é um dos apreciadores do que ele próprio preparou e está oferecendo.

Diógenes de Sinope eternizou-se como modelo para o cinismo, levando em consideração a sua prática radical, desta forma é possível dizer que todos os cínicos possuem algo da prática de Diógenes, mas que no cínico encontram-se reunidas características que nenhum outro conseguiu reunir.

Podemos aprender algo a partir do modo de vida dos cães? De acordo com o cinismo sim, se comparado a maneira de viver de algumas pessoas que são falsas, que abandonariam o melhor amigo em uma situação de perigo, que a simplicidade não encontra lugar em suas vidas, pois não estão dispostas a experimentar nenhum tipo de adaptação natural a determinadas situações.

A filosofia é um meio de atingir muitas coisas, vários objetivos. Cabe ao seu praticante escolher o alvo desejado, todavia, a princípio deveria ser a existência humana, o objetivo especial e a essência da atividade filosófica. Dentro de cada filósofo existe uma pessoa que precisa de respostas para suas próprias interrogações, dentro de cada filósofo existe alguém que precisa trilhar o seu próprio destino, a mensagem cínica é uma lembrança, para que ninguém se esqueça de responder suas próprias interrogações, que ninguém se esqueça de cuidar de seu próprio destino, em suma, de sua existência.

A filosofia cínica não é apenas um conhecimento, ou seja, uma sabedoria que deve se manter interna, mas algo que se materializa na existência, uma encanação dos princípios filosóficos por meio de ações, desta forma, para ela não adianta falar que a liberdade é importante se não tem coragem de agir com liberdade, não adianta falar no valor da verdade se não agir verdadeiramente, não adianta falar em resistência se não consegue agir com resistência,

não adianta falar de simplicidade se não for capaz de demonstrar a simplicidade, em suma, essa filosofia exige uma atitude coerente entre o que se defende e o que se pratica.

Isso significa que o cinismo pode funcionar como um aviso de defesa, diante de ameaças que aparecem em nossas vidas, não como algo ameaçador, mas como um lobo em pele de cordeiro, ou seja, a princípio parece algo bom e inofensivo, mas que se não for observado pelos pontos negativos, de maneira crítica, podem prender nossa existência e causar danos a nossa vida.

Diógenes vivia de acordo com a natureza, de forma natural como uma pessoa que não precisa fingir, mas deve ser verdadeira. Como uma pessoa que não precisa se prender, mas estar livre para viver da sua maneira. Como uma pessoa que mesmo simples, dê conta das coisas mais importantes de sua vida.

Qual a importância da adaptação em nossas vidas? Parece que a adaptação é uma habilidade de sobrevivência natural, e por isso um dos elementos básicos do cinismo, diante de tantas contingências que podem acontecer em nossas vidas, a inabilidade de se adaptar as circunstâncias não se torna uma sentença de morte, mas sem ela nossa existência torna-se totalmente vulnerável.

Estas indagações e abordagens que apresentamos acima montam as bases do nosso estudo e do conteúdo das páginas que virão a seguir. Nosso objetivo no final deste trabalho será, além de apresentar uma pesquisa sobre o cinismo, exortar o leitor a realizar reflexões que sirvam para sua vida.

## CAPÍTULO 1: SÓCRATES

### 1.1 Filosofia naturalista

De acordo com os escritos de Giovane Reale o ponto de partida do pensamento filosófico aconteceu no terreno da filosofia da *physis* (natureza). Segundo Reale (1990, p.29) “[...] Tales foi o iniciado da filosofia da *physis*, pois foi o primeiro a afirmar a existência de um princípio originário único, causa de todas as coisas que existem, sustentando que esse princípio é a água”. A partir de Tales de Mileto os filósofos naturalistas se empenham cada um a sua maneira em responder qual o princípio elementar originário de todas as coisas, Tales de Mileto, propôs que seria água, Anaximandro que seria *a-peiron* (infinito), Anaxímenes de Mileto o ar infinito, Heráclito de Éfeso o fogo, Pitágoras os números, Xenófanes o cosmos, Parmênides o ser, (Zenão usou se da dialética para defender Parmênides), Melisso de Samos o incorpóreo, para Empédocles as raízes de todas as coisas (água, ar, terra e fogo), Anaxágoras de Clazomêna as homeomerias (sementes divisíveis em partes iguais e em igual qualidade), para Lêucipo e Demócrito os átomos, Diógenes de Apolônia propôs a combinação entre o ar infinito e a inteligência. Desta forma, estes filósofos se dedicaram cada um a sua maneira em dar a resposta sobre a essência das coisas, no entanto as respostas se abriram como um leque e não se fechou em resultado final, com isso a filosofia chegou a um momento de impasse.

Com efeito, os sofistas operaram uma verdadeira revolução espiritual, *deslocando o eixo da reflexão filosófica da physis e do cosmos para o homem e aquilo que concerne a vida do homem como membro de uma sociedade*. É compreensível, portanto, que a sofística tenha feito de seus temas predominantes a ética, a política, a retórica, a arte, a língua, a religião e a educação, ou seja, aquilo que hoje chamamos a cultura do homem. Assim, é exato afirmar que, com os sofistas, inicia-se o *período humanista* da filosofia antiga. (REALE, 1990, p.73).

Os sofistas foram os responsáveis pela transposição da filosofia (que estava a princípio direcionada para a *physis*) para outro eixo, as bases dessa transposição podem se fundamentar em dois princípios: a necessidade e a quantidade. A necessidade se explica pelo momento de mudanças que estava sendo vivido, na política pela decadência do poder da aristocracia ao lado da ascensão do poder do povo e na cultura pelo questionamento do modo de vida grego.

[...] A ruptura do círculo restrito da *polis* e o conhecimento de costumes, usos e leis opostos deveriam constituir a premissa do relativismo, gerando a convicção de que aquilo que era considerado eternamente válido, na verdade, não tinha valor em outros meios e em outras circunstâncias. Os sofistas souberam captar de modo perfeito essas

instâncias da época angustiada em que viveram, sabendo explicitar e dar-lhes forma e voz. (REALE, 1990, p.74).

A quantidade de explicações apontadas pelos filósofos naturalistas mostrou a capacidade que o filósofo possui por meio da filosofia de fornecer explicações e proposições para o mundo, direcionando essa habilidade para questões sociais seria um meio de canalizar algo que já estava a ponto de transbordar, pois segundo Reale (1990, p.74) “[...] a filosofia da *physis* pouco a pouco havia exaurido todas as suas possibilidades. Com efeito, todos os caminhos já haviam sido palmilhados e o pensamento ‘físico’ havia chegado aos seus limites extremos”. É nesse cenário que atuaram os sofistas.

## 1.2 Sócrates

Sócrates (470 a.C.-399 a.C.) foi um homem que viveu em Atenas localizada na Grécia e que se tornou o maior filósofo de sua época e um dos pilares da história da filosofia. Um filósofo que preferia praticar seus ensinamentos por meio de palavras e ações ao invés de usar algo escrito como recurso, por isso não escreveu nada e tudo que sabemos dele é através de testemunhos.

Quando Sócrates morreu as sementes de sua filosofia já haviam sido transmitidas a seus discípulos por meio de seus ensinamentos, e por mais que tenham se mostrado diferentes uma da outra, existia algo em comum entre elas. Segundo Hadot (2017, p.48) “[...] Em todo caso, um ponto parece comum a todas essas escolas: com elas aparece o conceito, a ideia de filosofia, concebida, nós o veremos, como um discurso vinculado a um modo de vida e como um modo de vida vinculado a um discurso”. Segundo Hadot (2017, p.51) “A tarefa de Sócrates, que lhe foi confiada, diz a *Defesa*, pelo oráculo de Delfos, isto é, em última instância, pelo deus Apolo, será fazer que os outros homens tomem consciência de seu próprio não saber, de sua não sabedoria”. Sócrates se dirigia até as pessoas ironicamente fingindo ser um aprendiz, ou seja, fingia não saber, fazia-lhes uma questão, depois outra e pouco a pouco a conversa se transformava em um jogo de perguntas e respostas aonde o interlocutor ia sendo levado a triturar toda a sua falsa sabedoria ao mesmo tempo em que ia sendo levado em espiral a dar conta de si.

Talvez as pessoas tivessem muito saber, mas a verdadeira sabedoria não era sobre as coisas, mas um saber sobre si mesmo, é como se uma pessoa mostrasse muito conhecimento sobre variados assuntos, mas ao se colocar um espelho em sua frente e lhe fosse perguntado “conhece a ti mesmo”? Ela, por fim, se revelava totalmente ignorante.

No fundo de todas as interrogações feitas por Sócrates e embaixo de todas as respostas dadas a ele, está aquela que para além de seus conhecimentos leva a uma vida menos ignorante. Sócrates por meio de suas perguntas tenta acessar a essência do homem e mudar a partir dela seu modo de vida. Platão escreve a justificativa de seu mestre:

Atenienses, eu vos sou reconhecido e vos quero bem, mas obedecerei antes ao deus que a vós; enquanto tiver alento e puder fazê-lo, jamais deixarei de filosofar, de vos dirigir exortações, de ministrar ensinamentos em toda ocasião àquele de vós que eu deparar, dizendo-lhe o que costume: 'Meu caro, tu, um ateniense, da cidade mais importante e mais reputada por sua cultura e poderio, não te pejas de cuidares de adquirir o máximo de riquezas, fama e honrarias, e de não te importares nem cogitares da razão, da verdade e de melhorar quanto mais a tua alma?' (PLATÃO, 1972, p.09).

O sábio é aquele que mais próximo está da verdade, pois a verdade também é uma sabedoria, que consegue enxergar e entender com mais clareza o presente, pois já viu e entendeu que na maioria das vezes o presente é uma extensão do passado, o sábio não é vidente, mas consegue projetar-se através das possibilidades futuras como só outro sábio sabe, desafiar a sabedoria de um sábio é possível, mas é ao mesmo tempo desafiar a si mesmo, pondo se em risco. Dito de outra forma, desafiando um sábio torna-se necessário provar o contrário, e se não for possível, dependendo da situação terá sido posto algo em risco, ou seja, seguiu-se no caminho errado.

Assim como um bom pintor é capaz de fazer uma bela pintura de algo ou como um bom fotógrafo que é capaz de capturar uma bela imagem, Platão soube representar seu mestre Sócrates através de seus escritos. É através deles que Sócrates aparece a troco de imaginação quase vivo, como um homem como qualquer outro, mas ao mesmo tempo diferente de todos. Ele bebe como qualquer outro, mas continua sóbrio como ninguém, segue para seu serviço pela manhã como qualquer outro, mas para trabalho igual ao seu, ninguém. Segundo Hadot (2017, p.69) “O *Banquete* é, com a *Defesa*, um monumento literário dedicado à memória de Sócrates, um monumento maravilhoso e habilmente construído, como Platão sabia fazer tão bem, entrelaçando com arte temas filosóficos e símbolos místicos”.

Sendo o mito uma narrativa usada para explicar algo da realidade, no *Banquete* ele é usado para explicar por analogia e metaforicamente a situação do filósofo no mundo. Na ocasião do *Banquete* Sócrates aparece reunido ao lado de outros convidados de Agatão, o anfitrião, cada um a sua maneira tece suas considerações e elogios ao Deus Amor, que segundo eles, sua importância passa despercebida pelos homens. No momento da fala de Sócrates (que nada sabe) ele recorre a narração de um diálogo que teve com Diotima, uma sacerdotisa de Mantinea, que sabe e, portanto pode ensinar o que é o Amor. Segundo ela o Amor não é um

Deus, nem um homem, mas um *daimon*, um ser intermediário e mediador dos deuses com os homens e dos homens com os deuses. Desta forma:

[...] Uma vez que é relativo a outra coisa, e a uma coisa da qual é privado, o amor não pode ser um deus, como imaginaram sem razão todos os outros convivas haviam feito até então o elogio do Amor; Eros é propriamente um *daímon*, um ser intermediário entre os Deuses e os homens, entre os imortais e os mortais. Não se trata apenas de uma posição mediana entre duas ordens de realidades opostas, mas de uma situação de mediador: o *daimon* está em relação com os deuses e os homens, desempenha um papel nas iniciações aos mistérios, nos encantos que curam os males da alma e do corpo, nas comunicações que vem dos deuses aos homens, tanto na vigília como no sono. (HADOT, 2017, p.73).

Levando em consideração o que já foi dito sobre o mito ser uma narrativa usada para explicar algo da realidade, no diálogo, a sacerdotisa Diotima faz sua explicação a Sócrates e sua justificativa em afirmar o Amor ser um *daimon* por meio do mito de seu nascimento. Nas palavras de Hadot essa narração mítica é a seguinte:

[...] No dia do nascimento de Afrodite, houve um banquete entre os deuses. No fim da refeição, Penia, a saber, “Pobreza”, “Privação”, aproximou-se para mendigar. Poros, a saber, “Recurso”, “Riqueza”, “Expediente”, estava ainda adormecido, embriagado de néctar, no jardim de Zeus. Penia estende-se a seu lado a fim de remediar sua pobreza tendo um filho dele. E assim ela concebe o Amor, segundo Diotima, a natureza e o caráter do Amor explicam-se por essa origem. Nascido no dia do nascimento de Afrodite, é apaixonado pela Beleza. Filho de Penia, é sempre pobre, indigente, mendicante. Filho de Poros, é inventivo e astucioso. (HADOT, 2017, p.73).

Pensar por analogia é encontrar semelhanças em coisas diferentes, ela funciona como uma maneira de usar uma coisa para entender outra, como por exemplo, a luz do dia ilumina o mundo assim como a luz da lâmpada ilumina a casa. As vezes o mito parece superficial, mas possui tantas camadas quando aquele que o analisa consegue mergulhar, se for uma pessoa superficial, superficial será seu olhar, se for uma pessoa acostumada com as profundezas, profundo será seu mergulho.

Platão através do personagem Sócrates e por meio de Diotima, nos mostra que o amor é algo humano, o primeiro passo do filósofo em direção a sabedoria, descobrir a ignorância é assumir o amor. Com Platão, Sócrates e Diotima, vemos o mito virar realidade e realidade virara mito, o mito explicar a realidade e a realidade explicar o mito.

O Amor é filósofo, Sócrates é filósofo e são filósofos todos aqueles que descobrirem o amor pela sabedoria e se tornarem também amantes. Essa visão da filosofia está mais próxima das pessoas, pois está disponível a todos aqueles que se colocarem na posição intermediária, ou seja, na posição do filósofo.

Do mito à realidade, a condição do Amor, é a mesma daquele que caminha rumo ao que é belo, como a sabedoria, a condição de Sócrates é a daquele que caminha, mas que ao mesmo tempo encaminha os outros rumos a sabedoria, a condição do filósofo é a daquele que

caminha sozinho ou como Sócrates acompanhado, caminhar é ir em busca do que falta, como a sabedoria, é fugir do que se teme, como a condição de ignorante, caminhar é um exercício, mas também é uma atitude espiritual do homem que não pode viver como aquele que se perdeu no deserto e não sabe que está perdido, pois encontra-se rodeado pelas miragens da ignorância, mas como o filósofo ou qualquer outro termo que defina aquele que suspeitando que encontra-se rodeado de miragens foge delas cortando o deserto em busca de uma realidade verdadeira e mais próxima da felicidade.

No *Banquete*, a figura do Amor é usada como chave de explicação para o entendimento da atitude filosófica, pois filho de um pai rico e de uma mãe pobre, herdou tanto os traços do pai quanto os da mãe, por isso, escapa-lhe tanto a riqueza como a pobreza estando entre dois polos. Assim como está entre a fartura e a privação, também encontra-se o Amor entre a sabedoria e a ignorância, neste ponto ele é colocado lado a lado com o filósofo, aquele que como Sócrates sabe da necessidade causada pela ignorância e por isso torna-se consciente, mas também sabe do valor da sabedoria e por isso torna-se seu seguidor. Desta forma o filósofo ama, assim como o Amor filosofa, os dois se tornam iguais a medida que praticam a mesma coisa, a filosofia. Isso está de acordo com a resposta de Diótima a Sócrates a respeito de quem são aqueles que filosofam:

É o que é evidente desde já – respondeu-me – até a uma criança: são os que estão entre esses dois extremos, e um deles seria o Amor. Com efeito, uma das coisas mais belas é a sabedoria, e o Amor é amor pelo belo, de modo que é forçoso o Amor ser filósofo e, sendo filósofo, estar entre o sábio e o ignorante. E a causa dessa sua condução é a sua origem: pois é filho de um pai sábio e rico e de uma mãe que não é sábia, e pobre. (PLATÃO, 2003, p.37)

Na *Alegoria da Caverna* que é parte do livro *A República*, de Platão contém um diálogo entre Sócrates e Glauco que contém uma narrativa alegórica, mas que pode ser usada como pano de fundo para explicar a realidade da missão de Sócrates. Na caverna estão homens que vivem fora da realidade, esta permanecendo oculta a eles. Na República, Sócrates diz a Glauco:

[...] Imagine, pois, homens que vivem em uma morada subterrânea em forma de caverna. [...] Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja diante deles. (PLATÃO *apud* MARCONDES, 2000, p.40).

Os homens não estão na caverna por que querem, estão lá na condição de prisioneiros, acorrentados de uma maneira que só podem contemplar o que está a sua frente, permanecem em uma condição que lhes foi imposta quando crianças e os parece natural, é para

eles a realidade. Analogamente a condição vivida na caverna, Sócrates se dirige aos homens que não estão em uma morada subterrânea, mas vivem como se tivessem em uma, estão sem correntes e livres, mas vivem como acorrentados, que podem olhar em todas as direções embora permaneçam incapazes de ver a sua própria condição. O diálogo segue:

Sócrates: Eles são semelhantes a nós. Primeiro, você pensa que, na situação deles, eles tenham visto algo mais do que as sombras de si mesmos e dos vizinhos que o fogo projeta na parede da caverna à sua frente? Glauco: Como isso seria possível, se durante toda a vida eles estão condenados a ficar com a cabeça imóvel? (PLATÃO *apud* MARCONDES, 2000, p.40).

Os homens da caverna aparentemente parecem ingênuos, mas são semelhantes a qualquer outro que estivesse na posição deles, pois só conseguem ver o que é possível que eles vejam, sombras e projeções artificiais de objetos, os homens que Sócrates persegue são ignorantes, não necessariamente porque querem, mas vivem nessa condição também por inconsciência de sua situação. Segundo Hadot (2017, p.52) “A missão de Sócrates é fazer com que os homens tomem consciência de seu não saber”, pois eles são como alguém que vive adormecido e precisa ser despertado para a vida, para o cuidado de si.

Sócrates: Veja agora o que aconteceria se eles fossem libertados de suas correntes e curados de sua desrazão. Tudo não aconteceria naturalmente como vou dizer? Se um desses homens fosse solto, forçado subitamente a levantar-se, a virar a cabeça, a andar, a olhar para o lado da luz, todos esses movimentos o fariam sofrer; ele ficaria ofuscado e não poderia distinguir os objetos, dos quais via apenas as sombras anteriormente. Na sua opinião, o que ele poderia responder se lhe dissessem que, antes, ele só via coisas sem consistência, que agora ele está mais perto da realidade, voltado para objetos mais reais, e que está vendo melhor? O que ele responderia se lhe designassem cada um dos objetos que desfilam, obrigando-o com perguntas, a dizer o que são? Não acha que ele ficaria embaraçado e que as sombras que ele via antes lhe pareceriam mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora? (PLATÃO *apud* MARCONDES, 2000, p.41).

Os homens da caverna estavam presos a uma falsa visão das coisas e com isso tinham uma certa ignorância, os homens de Sócrates estavam presos a um falso comportamento e nisso estava sua ignorância. Aqui o que interessa é o que aconteceria se esses homens fossem libertados dos grilhões que os prendem a esse falso comportamento. Ao modo do homem da caverna Sócrates tenta colocar no caminho certo os homens que para ele vivem no caminho errado, ele tenta encaminhá-los para a direção correta, de início estes também se sentiriam estranhos, pois a princípio não conseguiriam se comportar de uma maneira que nunca viveram antes, se antes eles viviam no erro, pois, “[...] cuidavam de adquirir o máximo de riquezas, fama e honrarias [...]” (PLATÃO *apud* HADOT , 2017, p.55), o que Sócrates pretende é provocar uma conversão no modo de vida deles e que “[...] cogitem da razão, da verdade e de melhorarem

o quanto mais suas almas” (PLATÃO *apud* HADOT , 2017, p.55), ou seja, que cuidem da maneira de viver e não somente das coisas. Se os interlocutores se comportavam de uma maneira ignorante, com os ensinamentos de Sócrates estão mais perto da sabedoria do cuidado de si.

## CAPÍTULO 2: A FILOSOFIA HELENÍSTICA

O ponto central da filosofia helenística é o modo de vida. O admirador da filosofia dessa época tinha diante de seus olhos uma verdadeira e viva vitrine filosófica em forma de diferentes escolas, filósofos e modos de vida. Sua escolha, entre as opções, era determinada por uma vontade subjetiva de formação filosófica que atendesse melhor o seu gosto. Esse era o ponto de partida do discípulo que, daí em diante, sofreria influências determinantes sobre ele, em sua maneira de pensar e em seu comportamento, diante das mais diversas situações, fossem elas previstas ou imprevistas. Essa característica escolar é afirmada por Hadot (2017, p.148) onde diz que “[...] nenhuma obrigação universitária orienta o futuro filósofo para esta ou aquela escola, mas é em função do modo de vida que nela se pratica que o futuro filósofo passa a assistir as aulas na instituição escolar (*scolê*) de sua escolha”

Para os filósofos helenísticos, a crença da felicidade, como sinônimo de bens materiais ou status social, era um engano, pois a qualquer momento poderia ser abalada das mais diversas maneiras. Ao contrário disso, estavam de acordo que ela deveria ser alcançada através de um trabalho interno e individual, estando disponível a todos que estivessem dispostos a viver de acordo com princípios ético-filosóficos que tinham ela como objetivo. Desta forma, a felicidade estaria dentro do homem, blindada e protegida, ou seja, em um lugar difícil de arrancar, abalar ou destruir. Long garante isso, da seguinte maneira:

Os filósofos helenísticos compartilhavam um interesse geral em internalizar completamente a felicidade, seu projeto era fazer a felicidade depender essencialmente das crenças do agente e, assim minimizar ou reduzir a sua dependência de contingências externas. (LONG, 2007, p.41).

Em conformidade com isso, o ponto principal da proposta filosófica cínica é que a felicidade está próxima de nosso alcance, ou seja, o caminho é curto entre nós e ela. No entanto, estamos sempre nos afastando dela. Conforme a filosofia cínica, a felicidade é viver de acordo com a natureza. Esse viver, de acordo com a natureza, não significa viver como animais, consiste em viver da maneira mais simples possível, atendendo a todas as necessidades humanas de forma básica, assim como eles atendem as deles, valorizando apenas o que realmente é indispensável, e dispensando a corrida pelo supérfluo e desnecessário. Nesse sentido, é possível deduzir que para os cínicos é melhor viver e ser feliz com o pouco e necessário, do que correr o risco de não ser, indo atrás do muito e desnecessário. Confirmando isso, Long escreve que:

Alguém que segue a orientação da natureza, como Diógenes a entende, [...] limita seus desejos àqueles que a sua natureza prescreve. Ao examiná-los, descobre-se que esses desejos (de alimento, abrigo, sexo, companhia) podem ser satisfeitos por apenas um mínimo de provisões prontamente acessíveis. (LONG, 2007, p.45).

## 2.1 Os cínicos e as escolas filosóficas helenísticas

De acordo com A. A. Long, não se pode negar o caráter influenciador de Sócrates para a filosofia do período helenístico, assim como não se pode negar a influência que o cinismo teve sobre as filosofias, sobre as práticas filosóficas (modos de vida) que brotariam no decorrer desse período, seja nos estoicos, epicuristas, cirenaicos ou ceticistas. Todos eles possuíam elementos cínicos no DNA de suas filosofias e reconheceram isso. Conforme Long: “[...] quer sua apreciação oficial dos cínicos fosse positiva ou negativa, as novas escolas helenísticas reconheceram que o cinismo foi um movimento ético que renunciou e prefigurou algumas de suas próprias preocupações principais” (LONG, 2007, p. 40).

Uma característica comum nas principais escolas filosóficas é que todas possuem um personagem principal, um fundador cujo modelo de vida e discurso é fonte dos ensinamentos propostos a seus participantes. No cinismo, Diógenes de Sinope; no estoicismo, Zenão de Citio; no epicurismo, Epicuro; e na escola cirenaica, Aristipo de Cirene. Coincidentemente eles nunca foram superados por seus discípulos, sendo na sua morte um princípio de declínio filosófico de sua escola. Diferenças a parte, a figura do fundador é a encarnação da sua própria filosofia, por isso, segundo Pierre Hadot, “[...] é precisamente a origem do modo de vida praticado pela escola e da tendência doutrinária à qual está ligada” (HADOT, 2017, p.150).

Diógenes, e sua prática filosófica, foram fonte para inúmeras anedotas. Nesse sentido, Diógenes Laértios conservou grande parte delas. Existem, assim, anedotas sobre os mais variados temas e as mais diversas situações. Sobre a importância da filosofia, Laértios (2014, p. 168) conta que “[...] A alguém que lhe declarou: “Não tenho inclinação para a filosofia”, Diógenes disse: “Porque vives, se não cuidas de viver bem?” (LAËRTIOS, 2014, p. 168). Viver bem, conforme a anedota, e de acordo como modo filosófico helenístico, era a aspiração a que as pessoas deveriam estar inclinadas, e a que a todas as filosofias estavam voltadas. Assim como a prática da pintura está voltada para melhorar a arte de pintar, da escultura para a arte de esculpir, a prática da filosofia era voltada para a arte de viver bem, para atingir a tranquilidade da alma. Segundo Hadot:

[...] Todas as escolas helenísticas parecem, com efeito, defini-la quase nos mesmos termos e, antes de tudo, como um estado de perfeita tranquilidade da alma. Nessa

perspectiva, a filosofia aparece, como uma terapêutica dos cuidados, das angústias e da miséria humana, miséria provocada pelas convenções e obrigações sociais, para os cínicos, pela investigação dos falsos prazeres, para os epicuristas, pela perseguição do prazer e do interesse egoísta, segundo os estoicos, e pelas falsas opiniões segundo os céticos. (HADOT, 2017, p.154).

## 2.2 A escola epicurista

A carta de Epicuro, destinada a Meneceu, tornou-se uma mensagem da sabedoria epicurista à humanidade, ela contém a base do discurso que fundamenta o modo de vida proposto por Epicuro, que tem como fim a felicidade. Isso significa que nela está contida o ensinamento de como viver, ou seja, qual a atitude necessária do homem na vida para ser feliz.

Para Epicuro a filosofia é um meio para atingir a felicidade, independente de ser a de um velho ou de um jovem, pois ela, através de seu efeito, pode trazer um sorriso ao rosto de um velho, e tem o poder de fazer um jovem parar de chorar. Ao velho, afastando o medo da morte e trazendo uma boa lembrança; ao jovem, através da sabedoria de seguir a vida sem medo do futuro. De acordo com isso, é preciso agir como se a felicidade estivesse do outro lado de um rio com crocodilos, sendo a filosofia como um barco que está disponível aos homens, de todas as idades, que queiram atravessá-lo, através somente do esforço da reflexão e da prática filosófica.

Que ninguém hesite em se dedicar a filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou ou que já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir, é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e sem ela, tudo fazemos para alcançá-la. (EPICURO, 2002, p.21).

### 2.2.1 Lição sobre a morte

A morte não é um mal, nem um bem, ela é o nada e pronto. Para a maioria das pessoas a morte é tão assustadora que elas a evitam a todo custo, visto que até o pensamento sobre ela é negado. De acordo com essa filosofia, isso é um erro, pois pensar na morte nos torna humanos e nos traz a consciência de nossa própria finitude em quanto ser. Segundo Epicuro, “[...] a consciência clara de que a morte não significa nada para nós proporciona a fruição da vida efêmera, sem querer acrescentar-lhe tempo infinito e eliminando o desejo de imortalidade” (EPICURO, 2002, p. 27). A morte tem a força de colocar o homem em movimento para viver,

e é possível concluir que o medo da morte também limita o homem em suas ações e lhe impõe uma tendência a viver em uma posição de conforto que às vezes o faz deixar de viver experiências únicas. O homem, que tem medo da morte, é como uma pessoa que tem medo de tentar conquistar o coração de outra, os dois podem passar a vida toda sem ariscar, mas serão eternos observadores da vida e do amor. Isso tem relação com outra lição de Epicuro (2002, p.33) “Nunca devemos nos esquecer de que o futuro não é nem totalmente nosso, nem totalmente não-nosso, para não sermos obrigados a esperá-lo como se estivesse por vir com toda certeza, nem nos desesperarmos como se não estivesse por vir jamais”.

### **2.2.2 O prazer**

Existem prazeres falsos que produzem eternos insatisfeitos, eles possuem um começo doce, mas o final é amargo, e existem os verdadeiros prazeres para quem busca somente a satisfação, que possuem um gosto inicial amargo, mas que ao final apresentam sua doçura. Os primeiros, conforme Hadot, são os prazeres em movimento; os outros, são os prazeres em repouso. O homem e os prazeres em movimento são como Aquiles e a tartaruga, um nunca alcança o outro, ou seja, nunca há satisfação, pois esse tipo de prazer está sempre escapando, mudando de lugar ou se transformando em outro desejo. Aquiles nunca ultrapassará a tartaruga, pois ela sempre estará meio caminho a sua frente. Segundo Hadot (2017, p.172) “[...] É por procurar unicamente esses prazeres que os homens encontram a insatisfação e a dor, porquanto esses prazeres são insaciáveis e, tendo chegado a certo grau de intensidade, tornam a trazer sofrimentos”. Já o prazer estável, pressupõe um estado sem sofrimento, de repouso e silêncio da carne diante da satisfação do prazer vital. O uso do verdadeiro prazer, conforme Hadot (2017, p. 172), “[...] É o estado do corpo apaziguado e sem sofrimento, que consiste em não ter fome, nem sede, nem frio”. Desta forma, o verdadeiro prazer exige um esforço de satisfação mínima necessária. Assim como aqueles que enfrentam os degraus de um farol para poderem desfrutar de sua bela visão, o homem precisa enfrentar os falsos prazeres para sentir o prazer de sua existência.

### **2.2.3 Lição dos desejos**

Segundo Hadot, o ponto inicial do epicurismo é através da experiência da carne em um sentido filosófico, significando o meio através do qual o homem é impresso e expressa suas

sensações e desejos. Nas palavras de Hadot (2017, p.170) a carne “em filosofia é o sujeito da dor e do prazer, isto é, o indivíduo” em seu sentido corporal e em seu aspecto consciente. Desta forma, o homem surge na filosofia de Epicuro como um ser desejante, pois ele trabalha o desejo como algo que sentimos e através dos quais nos comportamos, ou seja, a vida é feita de escolhas que giram em torno dos desejos. No entanto, alguns podem ser danosos para a saúde do homem, pois embora a carne peça, isso não significa dizer que todos eles devem ser seguidos, como também que todos eles sejam evitados, tendo em vista que essas escolhas são passos importantes para atingir o verdadeiro prazer, e não devem ser feitas no escuro (para evitar cair em buracos), mais sim serem feitas iluminadas pela sabedoria contida na prática filosófica epicurista, ou seja, em seu modo de vida e através da doutrina derivada dele:

Uma experiência, mas também uma escolha: o que importa, antes de tudo, é libertar a “carne” de seu sofrimento, o que lhe permite atingir o prazer. Para Epicuro, a escolha socrática e platônica em favor do amor do Bem é uma ilusão: na realidade, o indivíduo é movido apenas pela procura de seu prazer e de seu interesse. No entanto, o papel da filosofia consistirá em saber procurar o único prazer verdadeiro, o puro prazer de existir, pois toda infelicidade, toda a pena dos homens provém de que eles ignoram o verdadeiro prazer. (HADOT, 2017, p. 171).

Diante disso, ele propõe sua ética dos desejos. Conforme a classificação dos desejos de Epicuro há os naturais, que estão ligados a natureza (*physis*); e os não naturais ou inúteis, que são baseados na convenção humana (*nomos*), como, por exemplo, honras, status, poder e riquezas. Os desejos naturais e necessários são ações universais e inevitáveis. Sua falta gera desconforto, pois são fundamentais para a sobrevivência por serem essências para a vida e saúde do corpo, como: comer, beber e dormir e outras necessidades fisiológicas. Os desejos naturais e desnecessários são denominados, assim, pois são ações que estão para além da necessidade universal; possuem um apelo cultural; podem ser evitados; sua falta não gera desconforto, pois são mais que o fundamental para a sobrevivência; e não são essenciais para a vida ou para a saúde, como, por exemplo: comer iguarias, beber refrigerantes, dormir em camas de luxo e satisfazer as necessidades fisiológicas em ambientes especiais. De acordo com essa filosofia, as escolhas e a satisfação dos desejos não se tratam apenas de erros e acertos, mas de saúde e de doença, tanto corporal quanto interior do homem, tendo em vista, uma vida sem perturbações externas ou internas, ou seja, um estado de prazer.

Consideremos também que, dentre os desejos, há os naturais e os que são inúteis; dentre os naturais, há uns que são necessários e outros, apenas naturais; dentre os necessários, há alguns que são fundamentais para a felicidade, outros, para o bem-estar corporal, outros, ainda, para a própria vida. E o conhecimento seguro dos desejos leva a direcionar toda escolha e toda recusa para a saúde do corpo e para a serenidade do espírito, visto que é a finalidade da vida feliz: em razão desse fim praticamos todas as nossas ações, para nos afastarmos da dor e do medo. (EPICURO, 2002, p.35).

Nesse sentido, a dietética nutricional Epicurista propõe um cardápio para a felicidade, ele é baseado em prazeres com um fim saudável e em dores com um final prazeroso. É com base nisso que será possível atingir a saúde do corpo e a tranquilidade do espírito, em suma, o supremo prazer.

### **2.3 A escola estoica**

Segundo a filosofia estoica é preciso que o homem tente um olhar existencial através de uma visão panorâmica e se reconheça como um ser pequeno e frágil vivendo em um mundo grande e implacável que possui uma lógica própria e independente por natureza. Essa filosofia retira o peso de todos os acontecimentos das costas do homem, dividindo ele com a natureza do mundo, que se impõe através do destino. Para um estoico, o mundo possui uma vontade própria, maior e independente do querer das pessoas que, ao contrário disso, não escolhem tudo que acontece com elas, pois a maioria das coisas são determinadas pelo destino, restando somente, a depender exclusivamente do homem, o caráter moral, ou seja, o sim ou o não na hora de agir, de acordo com o bem ou com o mau moral. Desta forma, a existência humana é constituída e regida de duas partes. A primeira, daquelas ações que dependem de nossa escolha; e a segunda, pelos efeitos naturais e das mais diversas combinações exteriores a nós.

A filosofia estoica possui, assim, duas partes, uma discursiva e outra prática, sendo a discursiva responsável por justificar a parte prática, ou seja, o modo de vida estoico. A parte discursiva do estoicismo está fundamentada pela física, lógica e ética. As três trabalham juntas, por vezes, uma abrindo caminho para a outra. De acordo com a física, o mundo precisa ser visto como um sistema em que as coisas possuem lógica natural e coerente, como, por exemplo, nascer e morrer – que são coisas que não dependem de nós – por isso, impossíveis de escapar. O homem, mesmo estando no mundo, é de certa forma, uma parte dele, como um pequeno mundo, conceituado de microcosmo, dentro de outro mundo (macrocosmo), mas que apesar de ser participante da lógica natural geral, de viver e morrer, possui uma lógica moral interna que lhe concede certa liberdade diante de suas ações. Desta forma no mundo vigora uma lei natural, independente e coerente, de acordo com a física, restando ao homem a atuação da lei moral, coerente e dependente de suas ações, de acordo com a ética.

No decorrer de nossa existência ficamos frente a frente com as mais diversas situações, acontecimentos e fenômenos naturais. Assim, segundo a filosofia estoica, o homem

estaria nesse momento diante das “denominadas representações compreensivas ou objetivas”. (HADOT, 2017, p.194). Diante do perigo existe o medo; diante da dor, o sofrimento; diante da morte, a tristeza; e diante da perda, a lamentação. Todos esses sentimentos são reações subjetivas e equivocadas para o estoicismo, pois segundo Hadot (2017, p.195) esses acontecimentos são “o resultado de todo o encadeamento de causas, portanto do destino”. Essa frieza estoica é chamada de *ataraxia*, justificada segundo Hadot (2017, p. 195) porque para eles “a atitude moral correta consistira em reconhecer como bom ou mau apenas o que é bom ou mal moralmente e em considerar nem bom nem mau, portanto indiferente, o que não é bom nem mau moralmente”. Desta forma, o erro humano está no juízo de valor que atribuímos aos fatos, como perigos, medos, dores e lamentações, pois não são males, mais obra do destino e estamos livres diante deles para julgá-los com indiferença, exceto quando se tratar de questões morais onde reside o verdadeiro mal e mora o verdadeiro bem.

Ser estoico não significa agir sempre com indiferença ou somente moralmente, mas, também, por meio de uma conciliação chamada por Hadot de “teoria dos deveres”. Essa teoria permite se conformar com uma ação que depende de duas naturezas (uma humana e outra natural). Desta forma, o homem toma consciência de duas ações independentes e que o efeito desejado nelas não depende só dele, nem só do destino, mais que ele precisa fazer sua parte enquanto ser livre moralmente, e esperar que a contribuição do destino seja favorável a ele:

O que caracteriza a “ação apropriada” é que em parte ela depende de nós, pois supõe uma intenção moral, e em parte não depende, pois seu êxito depende não só de nossa vontade, mas dos outros homens ou das circunstâncias, dos acontecimentos, do destino, enfim. Essa teoria dos deveres ou ações apropriadas permite ao filósofo orientar-se na incerteza da vida cotidiana, ao propor escolhas razoáveis, que nossa razão pode aprovar sem jamais ter a certeza de fazer bem. (HADOT, 2017, p.197).

Mesmo que a filosofia estoica seja uma prática e um modo de vida exterior, ela se baseia em um discurso interior estudado para fornecer a melhor maneira de agir na vida e evitar sofrimentos, ou seja, o discurso interior utiliza recursos que são como diferentes lentes, que proporcionam diferentes formas de olhar a realidade e seus acontecimentos. Seria como um olhar existencial através da lógica que permite ver que realmente existem coisas que não dependem de nós, ou da física que nos permite observar como pertencentes a uma lógica maior e natural, ou ainda da ética que nos tem como seres livres para agir moralmente. Isso proporciona uma incorporação prática, ou seja, uma lógica vivenciada, uma experiência física e uma atitude ética. Eis a base do modo de vida estoico, em suma, de sua filosofia.

A filosofia era, para eles um ato único, que era necessário praticar a cada instante, em uma atenção (*prosokhé*) incessantemente renovada atenção a si mesmo e ao momento presente. A atitude fundamental do estoico é essa atenção contínua, que é uma tensão

constante, uma consciência, uma vigilância em cada instante. Graças a essa atenção, o filósofo está sem cessar perfeitamente consciente, não só do que faz, mas do que pensa – é a lógica vivida –, e do que é, isto é, de seu lugar no cosmos- é a física vivida. Essa consciência de si é, antes de tudo, uma consciência moral; ela procura realizar a todo instante uma purificação e uma correção da intenção, recusa-se a cada instante a admitir outro motivo da ação além da vontade de fazer o bem. (HADOT, 2017, p. 203).

Metáforas e anedotas são tipos de exemplos que se bem entendidos podem sintetizar a essência de um ensinamento. Suas características sintéticas ajudam na difusão popular e na sobrevivência ao longo do tempo das mais diversas sabedorias. No caso da filosofia helênica, não foi diferente, ela produziu suas próprias metáforas, exemplos e aforismos. No caso da escola estoica, existe uma metáfora de autoria de Zenão e Crisipo relatada por um sacerdote chamado Hipólito:

Quando um cão atrelado a uma carroça quiser acompanhá-la, ele é puxado por ela e avança, fazendo com que seu gesto espontâneo *coincida com* a necessidade. Mas se o cão decidir não se mexer, o movimento da carroça o obrigará a segui-la, de qualquer maneira. O mesmo acontece com os homens: mesmo que não queiram, eles são forçados a obedecer o que o destino lhes reservou. (BOTTON, s.d.)

Com efeito, de acordo com essa metáfora estoica, somos parte do todo, assim como o cão é parte da carroça, pois estamos atrelados a ele assim como o cachorro a ela. O todo segue sua lógica própria, como a carroça seu caminho, estes são independentes do desejo do homem e do cão, e os afetam através do destino e do puxar, que possui uma força natural que convida o homem e o cão a segui-las, caso não queiram são arrastados com toda sua violência e indiferença. Diante do destino, o homem se vê como um cão atrelado à carroça, em que a atitude mais sensata é aceitar a condição e aproveitar a viagem.

De acordo com o modo de vida estoico, quando o homem se tornar blindado de todas as paixões, ele será feliz, pois sua felicidade dependerá somente dele e de seu agir moral. Assim, as paixões são criações do discurso interior, cabendo ao homem trabalhar seu discurso interior com sabedoria e será feliz até passando por dificuldades.

## 2.4 Pirronismo

O Pirronismo, antes de qualquer coisa, é um comportamento filosófico que busca a tranquilidade da alma (*ataraxia*). Pirro seu filósofo fundador, foi um homem que percebeu e se viu diante das contradições da vida, que vão das coisas mais simples as mais complexas, desta forma, pode notar que algumas coisas não adiantam serem discutidas ou debatidas serem certas ou erradas, pois podem existir dois argumentos válidos e contraditórios para as duas situações,

conforme Hadot isso se explica “[...] pois o juízo que os homens atribuem ao valor dessa ou daquela coisa são fundados apenas em convenções. Com efeito, é impossível saber se essa coisa é boa ou má” (HADOT, 2017, p. 167). De acordo com isso não há um juiz que possa por fim a esses debates, desta forma, para ele é mais sensato não debater, ou melhor, suspender o juízo (*epoiché*).

O cético, de início, é um filósofo que se perturba diante de alguma irregularidade das coisas e começa sua investigação para obter a conhecimento da verdade e, desta forma, a tranquilidade da alma (*ataraxia*); mas o ocorrido é que ao contrapor argumentos de mesma valia, ele nota a impossibilidade de escolher entre um ou outro argumento, pois os dois se mostram equipotentes. A partir deste ponto, o cético passa a investigar já com a intenção de contrapor um argumento equivalente ao já existente, afim de mostrar que não se pode escolher entre ambos: “...um estado do intelecto devido ao qual nem afirmamos nem negamos algo...”, vale dizer, nas palavras de Bolzani: “...em virtude do qual não damos assentimento a algo como verdadeiro ou falso. O que nos leva ao sentido dado pelo cético à expressão: “eu suspendo o juízo”. (FILHO *apud* PINTO, 1992, p.17).

De acordo com essa filosofia, é possível ver a vida como um debate, de um lado afirma-se, do outro se refuta, ou como uma eterna luta. Nela, a todo o momento o homem precisa tomar essa ou aquela decisão, fazer essa ou aquela escolha, em suma, o homem vive em meio a uma tensão perturbadora entre o juízo verdadeiro e o falso das coisas, entre o acerto e o erro, que o retira sua tranquilidade. É com base nisso, que o Pirronismo se materializa em uma atitude de total indiferença, diante das situações opostas e ambíguas que a vida apresenta, não defendendo nem um lado nem o outro, mas virando as costas a ambos, adquirindo assim um estado sem esforços ou tensão, mas de tranquilidade.

Com a suspensão do juízo é possível viver tanto de uma maneira como de outra, ou seja, uma vida sem julgamento e com total indiferença, é por isso que segundo Hadot, Pirro possui um comportamento imprevisível, às vezes se comporta de modo totalmente estranho e em outras, de forma absolutamente comum às outras pessoas.

Diante disso e conforme essa sabedoria é como se os argumentos fossem como a pedra de Sísifo, precisam de um grande gasto de energia e esforço para serem sustentados e afirmados de forma inútil, a diferença é que não é um castigo imposto, mas uma opção de vida, à maneira dogmática, já para filosofia Pirrônica o melhor comportamento é suspender o juízo, e evitar um esforço desnecessário, diante de situações que dependem da perspectiva, em suma, Pirro possuiu um modo de vida cético diante da vida. O mais importante é a tranquilidade da alma, a correspondência entre o nosso caráter e a vida própria do filósofo.

### CAPÍTULO 3 - A FILOSOFIA ANTIGA

Parece que dos pré-socráticos até a atualidade, a maneira oficial de filosofar gira em torno de um mesmo requisito, apresentar uma construção racional, sistemática e abstrata, respondendo a alguma pergunta filosófica. É como se alguém dissesse: só será aceito no debate e poderão participar da “história”, as filosofias que estiverem vestidas formalmente de acordo com as regras. Essa era a moeda vigente oficial, ou seja, essa era a característica que determinava o valor (a validade) de uma filosofia. Segundo Hadot (2017, p.16) a maneira de ver a filosofia em nossos dias, ainda reflete isso:

[...] pelo menos na imagem transmitida aos estudantes por conta do ensino universitário. Eles têm a impressão de que todos os filósofos estudados esforçam-se sucessivamente para inventar, cada um de uma maneira original, uma nova construção sistemática e abstrata, destinada a explicar, de uma maneira ou de outra, o universo; ou, pelo menos, caso se trate de filósofos contemporâneos, que eles procuram elaborar uma nova discussão sobre a linguagem. (HADOT, 2017, p.16)

Com efeito, no período Helenístico surgiu a figura de um filósofo que não aceitava regras; nem imposições, que não estava disposto a se vestir formalmente, nem praticar uma filosofia formal e sistemática, muito menos abstrata, em suma, ele surgiu na contramão da filosofia encarando ela exclusivamente como um modo de vida e com isso, estava disposto a desfigurar a moeda filosófica e social. Segundo Branham (2007, p.103) “É por Diógenes ter se recusado a levar a sério os debates teóricos que agitavam as academias de sua época – como mostram suas repetidas zombarias de Platão – que o lugar do cinismo na história da filosofia sempre foi tão marginal”.

Desta forma, o primeiro passo para a compreensão do cinismo como uma prática filosófica é situá-lo como componente de uma prática maior, a filosofia antiga. O segundo passo é entender o essencial dela, ou seja, a sua característica fundamental. Com isso, para uma verdadeira compreensão da filosofia antiga, ela precisa ser feita de uma perspectiva antiga, levando em consideração suas características gerais e particularidades. Quando Hadot diz:

Tenho a intenção de mostrar, em meu livro, a diferença profunda que existe entre a representação que os antigos faziam da *philosophia* e a representação que se faz habitualmente da filosofia em nossos dias, pelo menos na imagem transmitida aos estudantes por conta das necessidades do ensino universitário. (HADOT, 2017, p.16)

Levando isso em consideração, de acordo com a representação atual transmitida ao estudante de filosofia, o cinismo não pode ser compreendido como uma filosofia, pois é quase o oposto

dessa representação. Entretanto, segundo Hadot (2017, p.21) “Ao contrário, trata-se de mostrar que o discurso filosófico participa do modo de vida. Mas, em contrapartida, é necessário reconhecer que a escolha de vida do filósofo determina seu discurso”, desta forma, de acordo com a representação antiga da filosofia, o cinismo se encaixa perfeitamente no conjunto de práticas filosóficas (modos de vida) de sua época, portanto é uma filosofia.

De uma perspectiva antiga, o primeiro passo da atividade filosófica rumo à sabedoria é a escolha de um modo de vida, essa escolha é o princípio da prática filosófica, Diógenes escolheu o modo de vida cínico, assim iniciou uma atividade filosófica. É a partir então da maneira de viver escolhida que poderá ser emitido um discurso ou poderá deduzir-se um a partir dele, poderá ser feita a defesa e ataque, ou seja, a opção existencial lança e recebe um argumento retórico. Desta forma, é com base no modo de vida que será tecido uma construção discursiva que poderá conter ou não elementos teóricos de uma maneira sistemática e abstrata. Diante disso, é importante ressaltar que em questão de princípio e ordem, o modo de vida vem antes do discurso do filósofo, pois conforme Hadot (2017, p.18) “[...] a filosofia é, antes de tudo, uma maneira de viver, mas está estreitamente ligada a um discurso filosófico”.

### **3.1 Vida e filosofia.**

Quando se inicia um trabalho sobre a obra de um determinado autor, certamente é importante abordar sua biografia, mas no final ela quase sempre ganha um aspecto secundário, no caso de Diógenes de Sinope isso é diferente, vida e filosofia permaneceram juntas como um casal de papagaios e só se separaram na morte, com isso sua biografia ganha centralidade e torna-se o fio-condutor para o conhecimento de sua filosofia.

Isso se deve ao fato de que a respeito da filosofia antiga é possível perceber uma estreita relação entre a filosofia e a vida do filósofo, isso se explica por sua própria essência, ao invés de algo apenas teórico e pueril ela é física como uma pedra. Isso equivale a dizer que a filosofia exige mais que um pensamento, ela exige uma atitude coerente do seu praticante, ou seja, um alinhamento entre o discurso e o modo de vida do filósofo.

### **3.2 Ficha biográfica**

Nasceu na ilha grega de Sinope em uma data ainda sem precisão, era filho de um banqueiro, que naquela época tinha a missão de cunhar moedas com relação a isso Navia (2009, p.31) aborda que “Nas vilas e cidadezinhas em que as moedas eram emitidas, os banqueiros

eram incumbidos de sua fabricação e regulação, e talvez fosse disso que Hicésio se encarregava na sua cidade natal de Sinópe, conforme Diocles. (D.L, 6.20)”.

Evidências apontam o ano de 323 a. C. como o ano de sua morte. Reza a lenda que filho e pai se envolveram em uma confusão com relação a falsificação de moedas, em uma das versões o pai foi preso e Diógenes expulso de sua cidade natal, em outra, Diógenes teria fugido antes do processo, exilou-se em Atenas e mais tarde em Corinto onde passou os últimos anos de sua vida, segundo Navia (2009, p.43) “Dion Crisóstomo informa (Or., 6) que tinha o hábito de passar os invernos em Atenas e os verões em Corinto”. Além disso, fez outras viagens, dentre uma delas chegou a ser capturado e vendido por piratas.

### **3.3 Diógenes, o mais autêntico praticante.**

Ele emerge nas fontes e na Literatura moderna como um protoboêmio, para se servir da expressão de Sloterdijk, talvez não no sentido de que tenha sido o primeiro cínico, pois que Antístenes poderia reivindicar essa honra, mas no sentido de ter sido o mais autêntico *praticante* do cinismo. (NAVIA, 2009, p.85).

Nascendo ou não com Diógenes, foi com ele que o cinismo clássico atingiu altura e força, como um jato de água que sai de dentro da terra (gêiser), mas que se espalhou ao longo dos séculos, como a água de uma nascente que brota do chão e seguiu levando vida a diferentes tipos de vida, levando vida a diferentes tipos de cínicos, que por mais longe que estivessem, ainda bebiam e se espelhavam na mesma fonte, Diógenes de Sinope. Em seu livro Navia fala sobre isso:

Não obstante, a despeito das diferenças entre os cínicos, foi Diógenes quem permaneceu, durante os mais de oitocentos anos através dos quais o cinismo se estendeu, o arquétipo do cínico, como se fora ele o exemplo que todo cínico se sentia compelido a imitar. (NAVIA, 2009, p.85).

A respeito do Cinismo Navia explica que “Cinismo, especialmente no contexto de Diógenes, é uma prática e um modo de vida mais que um conjunto de ideias”. Ao contrário das ideias mais complexas e “bem desenvolvidas” do platonismo, aristotelismo e estoicismo o cinismo se ocupava de ideias simples, mas que deveriam ser efetivadas e validadas através da prática, ou seja, de alguma forma as outras escolas se ocupavam bem mais das “ideias filosóficas” do que no Cinismo, em que a prioridade era a “prática filosófica”.

Em certas ocasiões Diógenes encarava o cinismo ao modo de um esporte olímpico e a virtude seria o primeiro lugar, capaz de ser alcançado apenas por aqueles que através da

prática, de treino ou de exercícios virtuosos estivessem dispostos a competir consigo mesmos e contra seus próprios vícios. Desta forma Navia:

Conta nos Diógenes Laércio (6.11) que, segundo Antístenes, atingir a virtude não é assunto de reflexão ou estudo, mas algo que só pode ser alcançado por meio de fatos e da prática – precisamente aquilo que em Diógenes encontramos. (NAVIA, 2009, p.86).

### 3.4 Fontes de informação

É lamentável que apenas uma pequena parte das obras filosóficas do período helenístico tenha sobrevivido aos mais diversos meios de destruição como saques, incêndios e causas naturais, por exemplo, se fosse o contrário teríamos um olhar mais amplo e definido sobre a prática filosófica dessa época de modo geral, e conseqüentemente sobre o cinismo em específico. Segundo Hadot (2017, p.144), “A vida filosófica foi extremamente vigorosa na época helenística, mas desgraçadamente, só a conhecemos de maneira imperfeita; teríamos outra representação se todas as obras filosóficas tivessem sido conservadas até hoje”.

O problema das fontes também aparece na vida e em obras sobre Diógenes, conforme Navia (2009, p. 21) “[...] um problema insolúvel ligado ao nosso conhecimento de Diógenes é a escassez de fontes de informação confiáveis”. Apesar de existir uma escassez de fontes sobre sua vida, provocando com isso uma sede filosófica, é possível encontrar seu conhecimento através de fontes secundárias que não nos saciam, mas nos hidratam filosoficamente.

Diante da dificuldade de fontes e dos 23 séculos que se passaram até hoje acumulou-se uma grande quantidade de narrativas e lendas a respeito de Diógenes que podem conter algumas invenções, mas se bem garimpadas será encontrado algo de valioso sobre ele.

Coincidentemente a mais rica mina de informações sobre Diógenes de Sinope e o Cinismo é o livro de Diógenes Laércio *Vidas e Opiniões dos Filósofos Ilustres* que contém reunida a biografia de grande parte dos filósofos antigos; diz Navia (2009, p. 24): “[...] ela se constitui na mais antiga narrativa biográfica dos filósofos gregos”; nela encontram-se informações sobre os principais filósofos cínicos, em especial sobre Antístenes e Diógenes.

O estilo anedótico em comparação com outros estilos só se diferencia em conteúdo, mas alcança a mesma profundidade e qualidade, ou seja, enquanto seria preciso mil textos para dar conta de uma anedota, apenas uma anedota pode dar conta de mil textos.

O estilo anedótico que permeia a obra de Diógenes Laércio é frequentemente, como notou um especialista, um impedimento para a informação filosófica, mas, no caso

da biografia de Diógenes, realça nossa compreensão dele, pois seu estilo próprio de ensino era por meio de anedotas exemplos e aforismos. (NAVIA, 2009, p.25).

É conhecido o ditado em que se diz “uma imagem vale mais que mil palavras”, no caso de Diógenes seria um pouco diferente, para ele “uma anedota valia mais que mil palavras”, quantas vezes nós não nos ocupamos com teorias e mais teorias, textos e mais textos que no final não causam nenhum efeito sobre nós, enquanto em uma simples anedota pode mudar mil vidas.

### 3.5 Diógenes, o cão

A relação de Diógenes com os cães não é estranha, quero dizer, pelo menos para ele é vista de forma positiva, dentre as várias anedotas sobre o cínico, em boa parte delas os cães estão envolvidos, mas voltaremos nisso mais adiante, por hora sigamos em outro caminho. Quando uma mulher chama seu marido de cachorro certamente ela não está com intenção de elogiá-lo, mas tenta de alguma forma ofendê-lo, essa metáfora pode ser chamada *Teriomorfismo*, Navia (2009, p.74) confirma isso “No Teriomorfismo (com exceções importantes), o resultado é rebaixar uma pessoa ou grupo de pessoas ao nível animal, um nível frequentemente concebido como inferior ao humano”.

Ao contrário do que foi dito, ser chamado de gato geralmente é um elogio para os homens, assim como de gata para as mulheres, pois está popularmente associado de forma positiva a um significado de beleza, esse comportamento é chamado de Teriofilia, termo cunhado por George Boas e utilizado por Navia (2009, p.74) em “[...] ocorre quando o comportamento e as características do animal são vistos como superiores aos dos humanos, uma tendência conhecida como Teriofilia”.

Como falei que voltaria ao tema dos cães, para isso utilizarei mais uma citação de Navia, pois ela se encaixa perfeitamente, a meu ver, no que foi abordado nos parágrafos anteriores sobre Teriofilia e Teriomorfismo, mas antes disso será citado Navia (2009, p.21) parafraseando Nietzsche “Para aprender bem o significado da vida e da filosofia de Diógenes é preciso que se tenha em si mesmo ao menos uma dose incipiente de cinismo e aquela rara habilidade filosófica de, para usar uma expressão nietzscheana, ‘ver atrás e em torno das coisas’”. Uma das observações de Diógenes foi exatamente esse “ver” a superioridade por trás da aparente inferioridade canina, e reconhecer que até os animais podem nos ensinar algo basta estar atentos como eles. Desta forma, Navia sobre o tema dos cães escreve que:

Quando se consideram as circunstâncias em que Diógenes se tornou conhecido como um cão, encontra-se tanto teriomorfismo como teriofilia, o primeiro da parte dos que, por causa dele, pensavam em um cão e a última da parte do próprio Diógenes. Para ele, que menosprezava os costumes e o comportamento de seus contemporâneos, os animais eram preferíveis aos seres humanos. (NAVIA, 2009, p.74).

Logo, para Diógenes, a alcunha canina não era compreendida de forma negativa, na realidade a vida dos cães, sua índole, sua postura e capacidade de sobrevivência, em suma, seu *ethos*, representavam um modo ideal de vida.

Alguns dançam conforme a música, Diógenes agiu conforme o ditado, “Se a vida te der um limão, faça uma limonada” quando o apelidaram de cão, ele latiu, ou seja, tomou isso como um elogio. Como um bom cínico, ele estava atento a tudo, estando sempre preparado para morder qualquer um que ousasse pisar em sua existência, foi assim quando segundo Laértios (2014, p.164) “Durante um banquete algumas pessoas lançaram-lhe ossos como a um cão; levantando-se, o filósofo urinou sobre os ossos, como faria um cão”. Navia (2009) escreve sobre isso em: “Parece ademais que Diógenes acolheu bem o nome pelo qual foi chamado (“Cão”), porque este compreende um componente importante de seu posicionamento filosófico, a saber, sua impudência e seus esforços para invalidar as convenções e regras que a sociedade impõe ao ser humano”.

### **3.6 O homem como filósofo e filosofia**

De acordo com a filosofia cínica, quando olhamos para o mundo físico, ficamos diante de nossa própria realidade e de nós mesmos, segundo Navia (2009, p.160) “em nossa busca do sentido da existência humana, é preciso direcionar a atenção primordialmente ao mundo físico, já que somos primordialmente seres físicos”, levando em consideração que o sentido da existência humana seja a *eudaiomonía* e que ela deve ser alcançada por meio de uma experiência dialógica entre interior e exterior do indivíduo, como diria Hadot, por meio de um exercício espiritual. O homem deve tornar-se plasmador de seu próprio destino; tendo em vista o encontro de sua própria felicidade. A crítica de Diógenes, está direcionada a todos que colocam seu destino nas mãos dos outros, e esquecem que isso deve ser a principal ocupação de cada um de nós, caso contrário não devemos reclamar do resultado.

### **3.7 A filosofia cínica como uma resposta para a vida**

Nessa época a filosofia estava estreitamente ligada aos problemas humanos, desta forma, também faziam parte da vida do filósofo. Para Diógenes e sua prática filosófica, no fundo, o que importa na filosofia não é um conjunto de doutrinas, o método e um espaço físico onde se possa dar aulas, mas sua essência, a capacidade do filósofo de dar respostas sábias para as perguntas da vida, enquanto Diógenes estava dando respostas para as suas perguntas, ele estava tentando responder também às perguntas dos outros. Em suma, o cinismo não é apenas um modo de vida, mas um modo para diversos tipos de vida, pois alguns filósofos praticam um modo de vida que é deles, mas que pode servir de modelo para os outros. Nas palavras de Branham (2007, p.102):

[...] a desconfiança do cínico na argumentação abstrata é meramente o outro lado de sua crença de que o teste da verdade é menos uma questão de sofisticação lógica do que da capacidade do filósofo de praticar persuasivamente aquilo que ele ensina. Platão é condenado em ambos os aspectos. (BRANHAM, 2007, p. 102)

### 3.8 A filosofia cínica como uma prática

Todos nós possuímos um modo de vida, que começa a ser formulado desde criança sendo formado por uma parte, que somos nós e outra que vamos copiando e colando dos outros ao longo do tempo, é através dele que nos comportamos nas mais diversas situações, em suma, nosso modo de vida deve refletir o que somos. O que queremos ser precisa aparecer para que sejamos então a concretização de um modo de vida. Dito de outra forma, não adianta possuir sabedoria se suas ações são ignorantes, não é preciso apenas ter sabedoria, é necessário também agir com sabedoria.

A filosofia de Diógenes possui uma estreita relação com os sentidos, é preciso muita imaginação para a partir das histórias de sua vida retirar um olhar, escutar algo e sentir uma sensação, pois ela não estava no plano intelectual, mas material da vida. Diógenes com toda sua simplicidade conseguiu fazer muitas coisas dignas de elogio, como por exemplo, fez o contrário de Platão e do que é hoje habitual em filosofia, mostrou que a filosofia pode ser o contrário de uma ficção, ela pode ser baseada em fatos reais.

Em suma, a tradição das *chreiai* sugere que a invenção mais brilhante de Diógenes não foi um conjunto de doutrinas, muito menos um método, mas ele mesmo – uma demonstração concreta, porém maleável, de um *modus dicendi*, uma maneira de se adaptar verbalmente as circunstâncias (usualmente hostis). (BRANHAM, 2007. p.102)

Como pode Platão ocupar-se da segunda navegação sem ainda conseguir terminar a primeira? São desavenças como essa que marcam o encontro desses dois filósofos. Para Diógenes, Platão ao apontar a filosofia para outro mundo tirava esse do alvo, o essencial de

suas filosofias estavam em mundos opostos, um dedicou-se ao mundo material corruptível e problemático, o outro ao mundo das ideias, imutável e perfeito, é possível dizer que nem Platão entendia Diógenes, nem Diógenes entendia Platão, ou não aceitavam as asserções filosóficas um do outro. No fundo, o cínico acusava o metafísico de fugir do lugar onde a vida acontece, o lugar da ambiguidade, onde a dor e o sofrimento são possíveis assim como o prazer e alegria.

### **3.9 A filosofia cínica como instinto de ameaça**

O homem pode se achar muito inteligente, comparado a qualquer animal que ele capture por meio de armadilhas. Por exemplo, ele é capaz de usar um alçapão como armadilha para capturar um pássaro, sendo este inocente, só vê a bela e atraente isca, o que ele não sabe é que ela faz parte da armadilha que irá prendê-lo. No entanto, o homem pode ser tão tolo como o pássaro inocente, pois, na existência humana também existem armadilhas, que se preso nelas, o que restará será dor e sofrimento, em suma, será o fim da liberdade e da tranquilidade da alma.

### **3.10 Aprendendo a viver com o cinismo**

A coisa mais importante que temos é nossa vida, nossa maior preocupação deve ser encontrar a melhor maneira de conduzi-la, pois a vida não é como uma partida de vídeo-game que sempre podemos começar novamente, quantas vezes quisermos, a hora que quisermos, ela é um jogo real e precisa ser jogada da melhor maneira possível.

Na maioria das vezes desconhecemos o poder da filosofia, só o percebemos quando já é tarde demais, quando já estamos mergulhados na angústia ou em outros sofrimentos, quando se percebe que perdemos a coisa mais valiosa que tínhamos, que ela sempre esteve disponível, ao nosso lado enquanto procurávamos algo que parecia importante e valioso, mas que na verdade era secundário e ilusório. Nesse momento a filosofia é sentida, e faz sentido, porque ela se aplica da pior forma, quando o erro já aconteceu, é preciso em primeiro lugar que a sabedoria se aplique na prevenção, em segundo no tratamento, só em terceiro que ela deve ser usada para amenizar a dor de algo sem solução e digno de arrependimento, mas em geral ela tem a função de evitar a causa e origem das aflições humanas, isso é mais que importante, é importantíssimo.

### **3.11 A vida de acordo com a natureza**

Viver de acordo com a natureza é viver da forma mais livre, simples e verdadeira possível, pois um pássaro quanto mais livre mais feliz é, ou é possível dizer que um pássaro preso é mais feliz do que um que voa? Que canta em um galho enquanto a brisa assopra em seu peito? Que come sua comida sem precisar cantar nada por isso, pois seu canto é tão natural quanto uma expressão de alegria? Em suma, de acordo com a filosofia cínica, quanto mais natural se é, mais verdadeiro e feliz é nosso modo de ser.

### **3.12 Cinismo: uma filosofia da existência**

Segundo Navia (2009, p.159) “a primeira proposição do pensamento de Diógenes pode ser assim asseverada: o único objeto da filosofia é a existência humana”. Direcionar o olhar para a existência humana, é uma escolha simples embora seja tão valiosa quanto difícil. Em meio a várias opções tentadoras de conhecimento e afazeres que se abrem como um leque, é preciso em primeiro lugar focar nosso olhar e nossas ações para o que a filosofia nos adverte e ensina, depois para o que ela ilumina. Assim como o foco de lanterna revela o caminho à nossa frente e vai aos poucos mostrando os obstáculos que nos ameaçam e podem nos machucar na caminhada da existência.

Uma filosofia voltada para a existência humana, exige que nos voltemos para nós mesmos, ao invés de perguntar o que é aquilo, é preciso que se pergunte quem somos, ao invés de interrogarmos qual a função de algo, é preciso encontrar o sentido de nossas vidas, a atividade filosófica antiga levada a sério é capaz de espelhar sua sabedoria em nossas vidas a medida que também absorve nossa ignorância. A filosofia de Diógenes é uma atuação que tem como cenário sua própria realidade, é a filosofia de sua existência, por extensão da existência humana, seu corpo era o lugar de origem dela, desta forma, era tanto uma filosofia viva como uma vida filosófica.

A filosofia cínica é uma filosofia existencial, ela valoriza a aproximação entre a experiência de vida e a prática filosófica. Pode se dizer que o cinismo possui como ponto alto de sua elaboração uma preocupação com a existência humana, ou seja, com a maneira de existir das pessoas. Com efeito, o cínico só tem controle da sua vida restando apenas a possibilidade de oferecê-la como modelo de vida para os outros.

### **3.13 Filosofia da adaptação.**

Seja na época de Diógenes ou atualmente, na maioria das vezes viver não é fácil, no sentido de que estamos constantemente atravessados pelas mais diversas necessidades, e sendo desafiados pelos mais diversos adversários. Levando isso em consideração, o cinismo se revelou e ainda se revela como uma maneira de lidar com nossas necessidades e dificuldades. Podemos ter o sonho de morar em uma casa bela, luxuosa e sofisticada, mas se na realidade ela não estiver ao nosso alcance, não podemos morar em um sonho, é necessário encarar a realidade e se for preciso, improvisar uma saída, mesmo que ela seja morar em um local simples. Foi isso que Diógenes fez:

[...] Por exemplo, quando seu exílio o levou a Atenas, Diógenes havia, originalmente, tentado arrumar uma casa para viver, como qualquer outra pessoa teria feito. É só quando a intenção de ter uma casa não se materializa que ele improvisa a ideia de viver num *pithos* (“grande jarro de vinho”), como um cão (D.L.6.23). Ao conceber essa resposta prática a uma determinada contingência, Diógenes dá um grande passo na direção de se tornar o tipo de pessoa que pode se adaptar a quase qualquer coisa, mesmo a modos de vida considerados abaixo da dignidade de sua espécie. (BRANHAM, 2009, p. 104)

O modo de vida cínico é também uma filosofia da adaptação, isso não significa que Diógenes se adaptava a tudo imposto a ele, ou seja, se comportava de maneira passiva, mas que ele poderia se adaptar e adaptar também o que lhe era imposto. Dito de outra forma, ele sempre encontrava respostas para suas dificuldades, ou transformava as dificuldades em respostas, é possível até dizer, que ele gostava das dificuldades, pois lhe tornavam mais forte. Desta forma, é diante dos problemas vividos que o cínico aparece, revelando os recursos da sabedoria cínica. Segundo Branham (2009, p.105). “[...] Assim, quando lhe foi perguntado que bem ele derivou da filosofia, Diógenes pôde responder: “Se nada mais, pelo menos estar preparado [*pireskeyathai*] para todo tipo de sorte [*tykhē*]”.

### **3.14 A fala como expressão de liberdade**

A fala livre representa o estado de liberdade cínica, desta forma, a fala funciona como uma expressão de liberdade, isso é tão verdadeiro quanto revelador, pois através de nossa fala podemos analisar até que ponto somos livres e capazes de dizer o que queremos de forma verdadeira. A fala é um dos pontos de expressão que nos lança para a vida. Falar é uma maneira de revelar-se para alguém ou para o mundo, assim como calar, é uma maneira de se esconder. A fala faz parte de nosso modo de vida, a medida que nós tornamos mais livres, o ideal é que nossa voz se torne cada vez mais nossa, e se lance cada vez mais para o outro de forma verdadeira, pois ela faz parte de nossa maneira de ser e de se posicionar no mundo.

Dado que este é o caso, o valor cínico central não poderia ser nem “auto-suficiência” (*autarkeia*)- ninguém é mais dependente do que um mendigo-, nem a natureza como um princípio racionalmente formulável, equivalente à razão, como ela é no estoicismo, mas a liberdade, e a liberdade de fala (*parrhēsia*) em particular. Esmolar – a rejeição do trabalho, de uma vida considerada produtiva pela sociedade – é requerido pela liberdade para evitar se tornar sujeito às regras e à autoridade da sociedade. (BRANHAM, 2009, p. 111).

### **3.15 A Simplicidade cínica.**

O cinismo é uma filosofia que prega a simplicidade, e que ela possui importância para nossa felicidade, parece boba a ideia que devemos ser simples e que isso traga alguma alegria, tendo em vista que as pessoas valorizam na maioria das vezes a quantidade, e com isso acabam se tornando cada vez mais complexas. Mas imaginemos que nossa vida acontece em uma ilha e que somos uma pessoa que precisa mudar dessa ilha através de uma grande canoa que cabe tudo que temos, portanto podemos levar tudo que quisermos, no meio do caminho a canoa começa a entrar água e você percebe que precisa se desfazer das coisas mais desnecessárias para salvar as mais importantes. Quais as primeiras coisas que cada um de nós jogaria no mar, ou seja, sacrificaria? Quais as coisas que cada um de nós salvaria até a última instância? Diógenes através da filosofia cínica quer nos lembrar de que nem sempre algo é valioso porque parece importante, mas importante porque é realmente valioso. Quando as pessoas se ocupam de coisas que não são importantes, podem estar pondo em risco as mais importantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que não tenha deixado escritos, em Sócrates é possível perceber a importante união entre as palavras e as ações do homem, entre a vida e a filosofia do filósofo. Essa ligação foi uma das contribuições dele para a filosofia. E ainda hoje pode provocar efeitos naqueles que buscam na filosofia, contribuições para sua existência.

A missão de Sócrates era despertar o homem de uma das coisas mais ameaçadoras de nossa existência, a ignorância, pois ignorar os perigos é como caminhar para a morte, ignorar a verdade, é como viver na mentira, ignorar a si mesmo, é como esquecer do mais importante, em suma, ignorar a sabedoria é continuar a ser ignorante. Desta forma, Sócrates tinha como missão exortar as pessoas a dar o primeiro passo para a sabedoria, que seria acordar da ignorância.

Para ele a verdadeira sabedoria não era sobre as coisas exteriores ao homem, mas sobre si mesmo, esse seria o primeiro passo para uma vida melhor. Com isso, cada um deveria conhecer todas as suas verdadeiras necessidades, conhecer seus defeitos, enxergar suas qualidades, e melhorar sua existência, aplicando um trabalho a si mesmo.

Em Sócrates está presente a figura do mestre, aquele que não cruza os braços diante da necessidade das pessoas, mas que vai em busca de oferecer a elas as coisas mais importantes que aprendeu, o cuidado de si, nunca será deixado de lado se as pessoas não deixarem Sócrates de lado, ao contrário, se estiverem dispostas a escutar sua mensagem, que se repete nos livros, mas pouco se para, conhecer de perto.

Sua mensagem continua válida, isso se deve principalmente a sabedoria contida nela, que mesmo após séculos ainda pode contribuir na formação de nosso modo de vida atual. Uma filosofia que acredita que nunca é tarde para ser feliz, assim como nunca é para dedicar-se a filosofia, como é a filosofia epicurista, é um exemplo claro dessa herança. Uma filosofia que trata a reflexão sobre a morte como um acontecimento que pode contribuir para melhorar nossa existência, nossa maneira de conviver com os outros, permite refletir sobre nossa maneira de viver, sobre aquilo que queremos realizar, nos faz prestar conta de nossas próprias vidas a nós mesmos, que é necessário valorizar cada dia com coisas que valem a pena ser vividas e que valerão ser lembradas no futuro, em suma, a morte nos faz valorizar a vida.

A verdadeira filosofia nos mostra a existência de falsos prazeres e de verdadeiros prazeres, os falsos são mais atraentes, mas são insaciáveis e nisso está o perigo, os verdadeiros

são simples, mas são capazes de satisfazer de forma básica e não trazem nenhum prejuízo a vida do homem, ao contrário pode livrá-los de uma vida de insatisfação.

Com base nisso ele propõe a maneira a ser seguida para que seja mantida a saúde do corpo e a tranquilidade da alma, a satisfação dos desejos naturais e necessários e o afastamento dos desejos naturais e desnecessários. Uns por serem essências para a vida os outros por serem dispensáveis tendo em vista que ultrapassam a necessidade básica.

Através da filosofia estoica é possível aprender que nem tudo depende de nós, pois nossa vida é influenciada por um conjunto de acontecimentos exteriores e independentes de nosso querer causados pelo destino. Portanto, algumas vezes não devemos nos atribuir sentimentos de culpa, medo, lamentação, pois não somos responsáveis pelas situações causadoras. A única maneira que temos de agir de forma independente é através de nossas ações morais. Em algumas outras atitudes cabe ao homem fazer a sua parte e esperar que os acontecimentos sejam favoráveis ao nosso querer, em outras cabe ao homem adaptar-se as causas naturais.

Vimos que de acordo com a filosofia pirrônica o mais importante é a tranquilidade da alma, ocupar-se de questões contraditórias que dependem da perspectiva de quem as defende devem ser evitadas, pois inquietam o homem e retiram sua tranquilidade, desta forma, de acordo com essa filosofia podemos agir tanto de uma maneira como de outra, acompanhados de uma atitude de total indiferença, de suspensão do juízo.,

De acordo com o que foi estudado o cinismo permite refletir sobre imposições de modelos de existência prontos, onde o homem apenas se encaixa como um produto na caixa, ao invés de personalizar sua própria existência de uma maneira que faça sentido para cada um, talvez a vida não seja feita apenas de imposições que valem para todos, mas também de escolhas feitas por cada um, os modelos prontos são sempre afirmados como melhores, o cinismo ensina ser sempre necessário questioná-los antes de segui-los.

De acordo com o que foi estudado, a filosofia nos permite melhorar nossas vidas, pois ela nos permite estar mais perto da sabedoria e com isso da melhor maneira de conduzir nossas vidas, as filosofias estudadas permitem um diálogo entre nossas vidas e a vida dos filósofos e isso certamente pode contribuir, pois estabelece uma relação entre mestre e discípulo, entre ensinamentos e aprendizados.

Na constituição de nossa existência, não importa onde encontremos as qualidades que podem nos melhorar enquanto ser, seja nos ensinamentos de algum filósofo, em alguma outra pessoa com experiência de vida, na maneira de viver de um cão ou de qualquer outro animal, o que importa é a contribuição que podem oferecer para nossas vidas.

Espero com esse trabalho mostrar que a vida não esta fechada a uma maneira de viver, a uma opção existencial ignorante, mas deve ser talhada mesmo que em madeira dura e com cinzel cego à nossa maneira, pois nenhum outro escultor é capaz de talhar o que queremos, mas somente nós, cada um de nós, seja através da inspiração do cinismo, do epicurismo, do estoicismo, pirronismo ou qualquer outra filosofia, é preciso fazer o que Sócrates recomenda cuidar de nós mesmos, de nosso modo existencial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANHAM, R. Bracht. **Desfigurar a moeda. A retórica de Diógenes e a invenção do cinismo**. In: CAZÉ, M. O. G; BRANHAM, Bracht. (Org.). Os cínicos. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BOTTON, Alain de. **As consolações da filosofia**. Tradução de Eneida Santos, Editora Rocco, s.d.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade: (a Meneceu)**. Tradução e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2017.

LAËRTIOS, Diógenes. **Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres / Diógenes Laértios**; tradução do grego, introdução e notas Mário da gama. – 2. ed., 2ª reimpressão – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2014.

LONG, A. A. **Diógenes, crates e a ética helenística**. In: CAZÉ, M. O. G; BRANHAM, Bracht. (Org.). Os cínicos. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

MARCONDES, Danilo. **Textos Básicos de Filosofia: dos Pré-socráticos a Wittgenstein**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

NAVIA, Luis E. **Diógenes, O cínico / Luis E. Navia**; tradução João Miguel Moreira Auto; tradução do texto grego Luiz Alberto Machado Cabral. - - São Paulo: Odysseus Editora, 2009.

PLATÃO. **A República**. Digitalização Grupo Acrópolis. Minas Gerais: Virtual Books Online M&M Editores Ltda, 2003. Disponível em: <[http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O\\_banquete.pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/protagoras2/links/O_banquete.pdf)> Acesso em: 01/06/2019.

PLATÃO. **Defesa de Sócrates. Trad. Jaime Bruna**. Coleção Os Pensadores. Vol. II. São Paulo: Victor Civita, 1972.

REALE, GIOVANNI. História da filosofia: Antiguidade e Idade Média / Giovanni Reale, Dario Antiseri; - São Paulo: PAULUS, 1990. – (Coleção filosofia)